

ORÍKÌ OYÈ ORÚKÒ

IldásioTavares

In: "Faraimará, o caçador traz alegria"

Editores Pallas, RJ, 2000, pg. 213

Extrato por Luiz L. Marins

Setembro 2013

CRÍTICA ÀS TRADUÇÕES DO IORUBÁ

“...o conceito de *oríkì* pode estender-se desde um cântico de louvor ao Orixá (também narrativo, invocatório, presentificador), até um simples nome, um *orúkò*, em que por um processo de aglutinação comum às línguas polissintéticas, o caráter básico de saudação curricular do *oríkì* pode estar tão fundido a ponto de ficar irreconhecível e eliminar a distinção um do outro. Cabe mesmo indagar se, reduzido o *oríkì* a seu mínimo, que seria o epíteto, na essência da filosofia onomástica iorubá, não estaria embutida a intenção laudatória ... um nome como um mini currículo, um epíteto, uma louvação...”

“...aproximar-se dos *oríkì* mais longos, é um risco, uma temeridade, uma cilada, que, não obstante, não inibem os vorazes e incautos tradutores que sem mesmo uma comezinha iniciação linguística invadem uma língua polissintética para transporta-la à mais exígua polissemia das línguas analíticas, sem sequer imaginar que entre estas existem um desfileiro de línguas sintéticas...”

“...Contudo, vivemos o tempo das mistificações arquitetadas no computador com ignorância e falta de pudor. Pessoas que não sabem a iorubá e pouco dominam a língua portuguesa, vivem traduzindo de uma para outra língua afoitamente e vivem publicando desavergonhadamente seus monstrosos pseudoliterários em que nem se aproximam do sentido literal...”